

# QUAL O VALOR DA SUA VIDA?

UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO E MOTIVAÇÃO



JANE PERALTA

•

*Para:*

---

*Segurança Sempre!*

*Um abraço, Família Peralta*



Copyright © 2012 Jane Cristina Franco de Lima Peralta

2016

**3ª Edição**

### **Produção**

Jane Cristina Franco de Lima Peralta

### **Impressão e acabamento**

Editora Santuário

### **Design Gráfico**

Simone Godoy

### **Revisão e Correção Ortográfica**

Neusa Luizão

### **Peralta, Jane Cristina Franco de Lima**

Qual o valor da sua vida?

3ª edição. Jane Cristina Franco de Lima Peralta -

Londrina

### **Direitos Reservados:**

Jane Cristina Franco de Lima Peralta

1. A segurança começa comigo 2. Autobiografia I. Título

Proprietário da CG Azul que está na capa, há 33 anos:

Douglas Barreto Venci

Foto da Capa:

Nelson Rodrigues

## **Conheça nosso trabalho**

### **Empresa**

AMPUTADOS VENCEDORES PALESTRAS E TREINAMENTOS LTDA

### **Site/Blog**

[www.amputadosvencedores.com.br](http://www.amputadosvencedores.com.br)

[www.palestrantejaneperalta.blogspot.com](http://www.palestrantejaneperalta.blogspot.com)

[www.palestranteflavioperalta.com](http://www.palestranteflavioperalta.com)

### **Twitter**

@flavioperalta

@janeperalta67

### **Facebook**

Flávio Peralta • <http://www.facebook.com/profile.php?id=1511704722>

Jane Peralta • <http://www.facebook.com/profile.php?id=100002874652275>

### **Linkedin**

[http://www.linkedin.com/profile/view?id=71453841&trk=tab\\_pro](http://www.linkedin.com/profile/view?id=71453841&trk=tab_pro)

### **e-mail**

[flavio@amputadosvencedores.com.br](mailto:flavio@amputadosvencedores.com.br)

### **Telefone**

43 3338-1791 / 9997-6275

### **Leia também nosso primeiro livro**

Amputados Vencedores – Porque a Vida Continua.

São Paulo: Editora Conex, 2010

Autor: Flávio Peralta

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	11
PARTE I - O ACIDENTE DE TRAJETO DE JANE PERALTA: UM ACIDENTE DE MOTO AOS 13 ANOS DE IDADE	15
O acidente de moto em 14 de maio de 1981	19
O retorno para casa após o acidente	23
A colocação do enxerto na perna	25
A colocação da órtese para segurar o pé	27
As novas amigas	33
As lembranças da irmã caçula	35
A cirurgia para endireitar o pé	38
Morar em outra cidade para fazer faculdade	41
Morar em São Paulo para conquistar o primeiro emprego após a faculdade	44
Voltando para o convívio da família	46
O encontro do grande amor da minha vida: vidas que se cruzam	48
Algo curioso nos une: um aniversário em 1988	51
Considerações Finais	55

# Amputados Vencedores





## APRESENTAÇÃO

Falar sobre segurança em nosso país é um grande desafio por um simples motivo: nossa cultura tradicionalmente não valoriza o tema.

Vejamos, por exemplo, a contratação de seguro residencial. Embora o custo de uma apólice anual seja baixíssimo quando comparado aos benefícios, poucos são aqueles que optam por esta modalidade de proteção patrimonial. Afinal, em um país pacífico como o nosso e raramente afeito a intempéries climáticas, por que gastar dinheiro com seguro contra incêndio, queda de raio e vendaval? Se este tipo de infortúnio tiver que acontecer, certamente será com o vizinho, jamais conosco...

Em contrapartida, a situação é inversa quando o assunto é seguro de veículos. Face ao crescente número de roubos e furtos de carros, poucos são os que se atrevem a sair de uma concessionária sem que seu bem esteja devidamente protegido.

Análise similar se aplica à segurança pessoal. Seja no trabalho, no lar ou no trajeto entre um e outro, os riscos são diversos, espreitando-nos a todo instante. Entretanto, insistimos em padrões de comportamento inadequados, assumindo mesmo uma postura arrogante como se estivéssemos isentos de temeridades. Assim, tornamo-nos negligentes, omissos, imprudentes e irresponsáveis com nossa própria integridade – e a dos que nos rodeiam.

No trabalho, o maior causador de acidentes são as práticas inseguras e a desatenção a fatores de riscos porque acreditamos que nada de adverso nos acontecerá. É comum o trabalhador proferir frases como “Eu sei trabalhar com segurança”, “Meu trabalho não é perigoso” ou “Já fiz isso milhares de vezes”. Pensando e agindo assim, normas e procedimentos são desrespeitados e

equipamentos de proteção são colocados de lado.

No lar, o perigo alveja crianças, jovens, adultos e idosos. Ele mora nos degraus das escadas, no piso escorregadio do banheiro, na fiação elétrica sem aterramento, nas quinas das mesas, nos objetos pontiagudos, na água que ferve no fogão...

No trajeto pelo trânsito que tanto nos estressa e nos angustia, a desobediência à sinalização e aos limites de velocidade, a presença crescente de motociclistas trafegando entre as faixas de rodagem, a ausência do uso do cinto de segurança ou do capacete, são apenas alguns dos muitos indicadores que elevam as estatísticas de acidentes.

Todavia, falar sobre tudo isso de maneira teórica, ainda que respaldado por números e imagens, serve apenas para conscientizar. A verdadeira sensibilização dá-se quando a emoção é evocada. É aqui que reside o maior mérito do casal Peralta.

Flávio e Jane não são teóricos. Embora tenham se tornado grandes estudiosos em prevenção de acidentes, a maior contribuição que eles legam àqueles que os leem ou participam de suas palestras é o exemplo. Primeiro, o mau exemplo, aquele decorrente do fato de eles terem sido vitimados por acidentes que marcaram suas vidas. Depois, o bom exemplo, dado pela capacidade de resiliência e superação. Juntos se encontraram, aprenderam com a vida e a reconstruíram, não apenas constituindo uma bela e admirável família, mas sobretudo legando ao mundo seus aprendizados e suas lições.

Os Peralta devem ser ouvidos e merecem ser aplaudidos.

**Tom Coelho é educador, escritor e conferencista.**

## INTRODUÇÃO

A Segurança começa comigo, com você e com todos nós. Desde que o homem entende-se por gente ele buscou a sua sobrevivência encontrando formas de se manter seguro. Nas cavernas se protegia do frio e dos bichos. Para defender seus territórios criou equipamentos de ataque e proteção. E assim o homem foi evoluindo e criando novas maneiras de manter-se vivo e inteiro. O tempo passou, o mundo evoluiu e no século XXI temos ao nosso redor tantas formas de proteção e segurança que a lista é grande.

Falando em segurança do trabalho e segurança no trânsito os equipamentos de proteção individual (EPIs), as placas de sinalização, os procedimentos de segurança, os dispositivos das máquinas e as regras estabelecidas assumem um papel fundamental para garantir nossa existência e nos deixar inteiros para cada dia de vida.

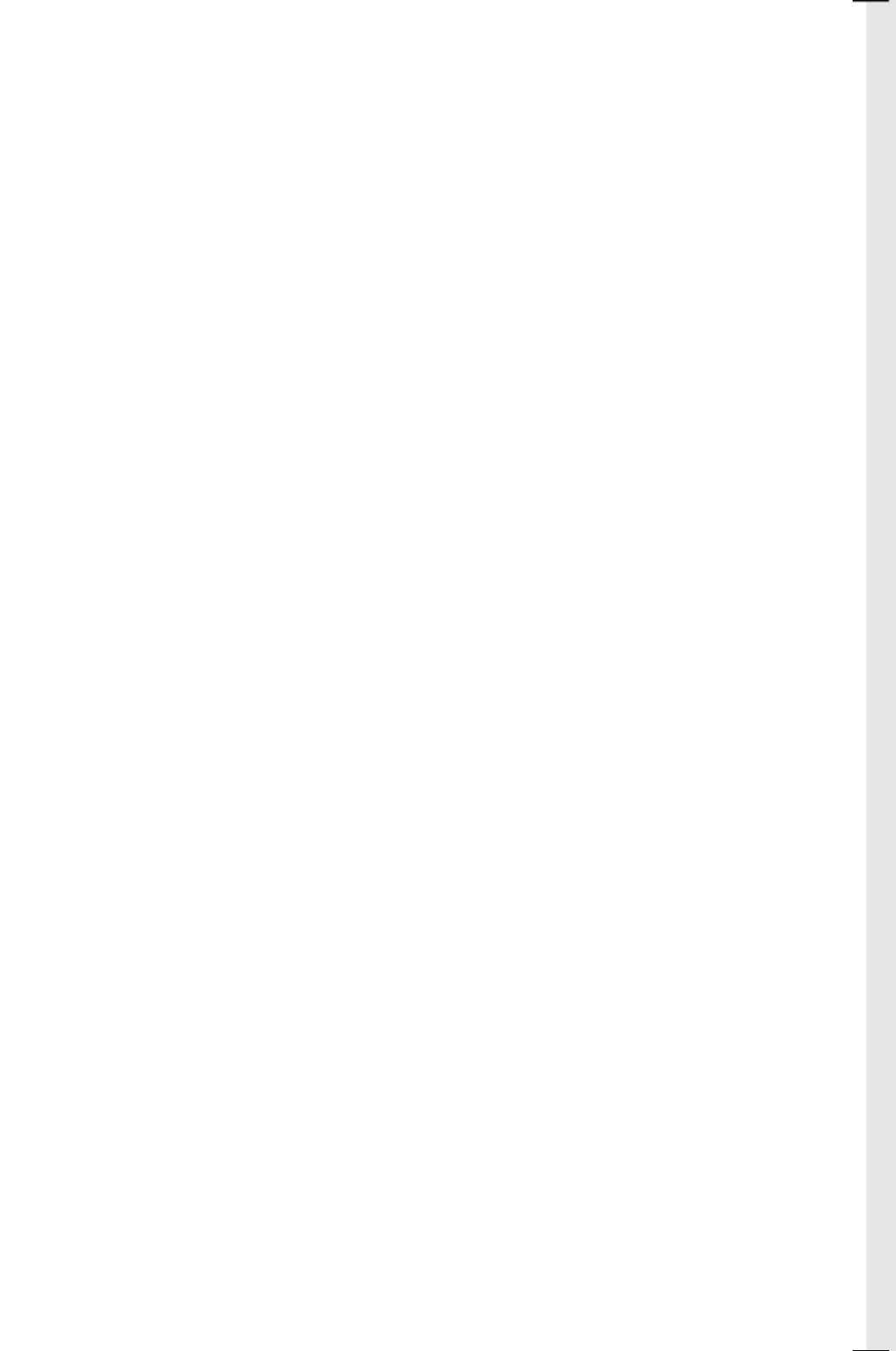
No dia 14 de maio de 1981 com 13 anos eu não entendia bem essas coisas e quase morri ao voltar do trabalho pilotando uma moto 125cc. Capacete eu não usava, a placa eu não obedeci. Eu tive somente 10 segundos para lutar pela minha vida que quase foi-se ainda tão jovem. É diante

dessa quase morte que deixo uma reflexão importante: nossa vida vale ouro. Cuide dela, cuide de sua segurança e não brinque com a mortalidade do corpo físico. Somos frágeis demais. Veja o que fiz de errado e aprenda com meus erros.

Boa leitura. Um grande abraço e que a sua vida seja repleta de muitas alegrias. Obrigada, Obrigada e obrigada. Jane Peralta







---

## **O ACIDENTE DE TRAJETO DE JANE PERALTA: UM ACIDENTE DE MOTO AOS 13 ANOS DE IDADE**

Se eu tivesse nascido na Idade Média e morasse em uma das cidades medievais, ao sair às ruas, iria me deparar com muitas pessoas andando a pé, cavalos, vendedores de alimentos, muros altos e outras situações de risco. Mas como nasci no ano de 1967, tive que me acostumar com cidades sem muros, escutar o barulho de automóveis com motor e rodas, bicicletas, motocicletas, caminhões, ônibus, tratores e muitos pedestres. Puxa, parece que viver nas cidades do século XX é um grande desafio para a pessoa que se arrisca a pôr o pé na rua. Aliás, até a rua mudou. Nada mais é como antes. Presenciamos transformações que ocorrem a todo o momento à nossa volta e sofreremos uma avalanche de informações e conhecimento que nos deixam perplexos.

Eu sempre gostei do mundo público, de brincar na rua, de conviver nesse espaço que parecia, nos anos 70, tão inofensivo.

Dominavam as ruas os Fuscas, os Jeeps, as Brasília e as bicicletas, muitas bicicletas. Vivenciei muitas experiências no interior do Paraná. Primeiro na cidade em que nasci, Cianorte. Os primeiros 10 anos de minha vida passei nessa cidade. Eu aproveitava muito a liberdade que tinha e a rua me fascinava. Gostava de sentir o calor do sol e as brincadeiras com outras crianças. O número de carros que circulavam era reduzido e não trazia muito pânico não. Meu pai sempre teve carro e éramos acostumados a andar naquelas quatro rodas. Ele trabalhava duro na construção civil, mas estava sempre ali a nos levar de um canto para outro. Para a escola eu ia a pé, junto com meu irmão Carlos, que era quatro anos mais velho que eu. Depois nasceu a Gisele, que também tinha quatro anos a menos. Eu fiquei ali, no meio dos dois, como se fosse um hambúrguer. Foi assim que a Antonieta (minha mãe) e o José Pedro (meu pai) iniciaram sua vida de pais.

Acredito que a paixão pela adrenalina se apresentou logo, aos 8 anos, quando aprendi a andar de bicicleta. Puxa, como eu curtia tudo aquilo! Corria mesmo e me arriscava muito. Pedalava feito uma doida pela calçada e aos 10 anos minha mãe nos liberava para atravessarmos a cidade e visitarmos nossos primos. Mas um dia eu experimentei minha primeira queda. Saímos de casa eu, Carlos e Gisele. Eu estava sozinha em minha bicicleta e a Gisele estava na garupa do Carlos. Quando já estávamos chegando perto da casa do primo Tonhão, fui fazer a curva da rotatória, mas estava correndo muito e só ouvi o “ploft” no chão. Caí da bicicleta e saí rolando. Quando caí, raspei o pé direito no asfalto e logo começou a escorrer sangue. Sei que subi na bicicleta de novo e chegamos ao nosso destino. Foi somente no dia seguinte que a coisa piorou. Aquele raspado infeccionou e pus amarelo começou a aparecer. Fiquei sem ir para a escola, mancava e sentia uma dor terrível. Claro que minha mãe falou

bastante, e com razão. Mas havia uma química na sensação de liberdade sobre a bicicleta que era indescritível.

Em 1978, nos mudamos de Cianorte para Umuarama. O Brasil estava vivendo uma fase ainda de descobertas nas áreas da economia e da política. Ainda estávamos experimentando a transição da ditadura para a democracia. O final dos anos 70 chegava e eu entrava numa fase de muitas descobertas.

Em 1979, todos os domingos eu e meu irmão Carlos frequentávamos a Legião de Maria da Igreja Católica. Eu media 1,73m e sempre me relacionava com pessoas mais velhas e no encontro desses jovens eu era a caçula. Sempre tínhamos algo novo a fazer: visitar alguma instituição de caridade, preparar as festas dos aniversariantes, rezar etc. Por uns dois anos, eu frequentei esse grupo de jovens e aprendi muitas coisas e na maioria das vezes a rua era um chamariz para mim. Sempre ia e voltava das reuniões a pé.

Aos 12 anos, menstruei e os hormônios estavam latentes em meu corpo. Em 1980, meu irmão Carlos decidiu ir para o seminário. Ficamos somente eu e Gisele, ainda criança naquela época. Sua saída me causou bastante sofrimento e eu sentia muito a sua falta. Mas aos poucos fui superando sua ausência e meu pai me levou para acompanhá-lo em sua construtora. Novamente, o mundo público me fascinava. Eu gostava do mundo do trabalho e do mundo da rua. Aquela cidade parecia tão grande para mim! Mas eu queria muito mais. Foi nesse período que meu pai comprou uma moto Honda, azul, ano 1979. Meus olhos olhavam aquela máquina com muito fascínio e aos poucos fui subindo nela. Fui acelerando e fui aprendendo a mudar as marchas na varanda de casa.

Acredito que minha mãe já nem falava nada porque ela sabia que eu era muito curiosa. E a volta na varanda virou a

volta na calçada. Da calçada eu fui para a rua e para o próximo quarteirão. E aos 13 anos eu já estava pilotando pela cidade. Meu pai havia me passado as noções básicas do trânsito: sempre parar nas esquinas e obedecer à preferencial. Na década de 80, nem se falava em equipamentos de proteção e eu não usava capacete, luvas ou botas.

Sentir o vento batendo em meu rosto, escutar o ronco daquele motor e a possibilidade de estar comandando uma máquina era demais. Além do que, todo adolescente quer mais é sentir o gosto da liberdade e não ficar muito perto de seus familiares. Eu já tinha minha independência e meus pais confiavam em mim e não cogitaram a hipótese de me contrariar. Por várias vezes eu buscava minha irmã Gisele na escola com o consentimento de meus pais. Era uma década em que experimentávamos a abertura política, econômica e nas relações familiares.

Quando nos mudamos para Umuarama, fomos morar numa casa de madeira. Aos poucos, meu pai a demoliu e construiu uma casa de alvenaria nova, grande e bonita. Mas tudo isso custou dinheiro e estávamos passando por um período de “grana curta”. Era um bairro bom e havia muitos adolescentes e crianças para brincarmos. Lembro-me quando começou o uso de patins eu pulava, saltava, descia nossa rua a toda velocidade. Claro que caí algumas vezes e me ralei bastante. Mas gostava de sentir a adrenalina da velocidade e da emoção. Quando queria andar com uma bicicleta mais moderna, eu pedia a bicicleta da vizinha, uma Caloi 10, para andar.

Em casa, eu era muito calada e não falava muito. Sentia-me um pouco reprimida e me soltava mais quando estava com pessoas que não faziam parte da família e quando vivia esses momentos de emoções “profundas” no mundo público.

Nesse período em que estava trabalhando com meu

pai, eu estudava de manhã, cursava a 8ª série, e à tarde ia para nossa construtora. Havia uma outra secretária, que aqui vou chamar de Beth, que trabalhava os dois períodos. Aprendi muitas coisas nos oito anos em que trabalhei com meu pai (fazer folha de pagamento, registro em carteira, negociações com INSS e prefeitura etc). As tardes passavam que eu nem via.

Eu já saía com as amigas e passeava bastante. Como sempre andei com pessoas mais velhas, ia para cinemas e lanchonetes em suas companhias, e muitas vezes meus pais nem sabiam onde eu andava. Eu me sentia dona de mim e queria conhecer o mundo e aproveitá-lo.

## O ACIDENTE DE MOTO EM 14 DE MAIO DE 1981

No dia 14 de maio de 1981, uma quinta-feira, eu havia ido para a escola de manhã e assim que terminou a aula fui para casa. Troquei de roupa e almocei. O dia estava meio cinzento e nublado, meio estranho. Não parecia que ia chover e escolhi vestir naquele dia uma calça rosa, uma camisa azul e sandália. No domingo que antecedeu a quinta, eu havia tirado uma foto com minha irmã Gisele e outras amigas. Foi exatamente com essa roupa que eu me acidentei. Claro, sem nenhum equipamento de proteção (capacete, luvas ou botas). Eu tinha 13 anos, 1,74m de altura e já me considerava uma adulta em todas as minhas atitudes.

Depois de um dia normal, era hora de voltar para casa às 18:00 e me preparei para sair. Peguei minha bolsa de escola, segurei-a na mão e quando abaixei a porta uma família (pai, mãe e dois filhos) passou na calçada e me cumprimentou. Era o vizinho que morava no prédio ao lado e estava indo pegar

seu carro no estacionamento. Finalizei o fechamento da porta, coloquei a bolsa sobre a moto, sentei sobre a bolsa, dei a partida e saí. Desci por uma rua que cruzava várias preferenciais e depois de uns cinco quarteirões um pensamento veio à minha cabeça: “Sempre passo por aqui e nunca cruzei com um carro, desta vez eu vou passar direto”.

De repente minha visão se escureceu e eu não vi ou ouvi mais nada. A pancada foi forte e caí a alguns metros da esquina. No momento da colisão, o farol do carro se quebrou e foi cortando minha perna abaixo do joelho, em cima do pé e no calcanhar. Quando caí, representei uma cena de assustar qualquer um: músculos estalhaçados, o osso à mostra e sangue jorrando. Cortei a artéria e isso fez com que uma poça de sangue se formasse e escorresse pela rua. O motorista do carro ficou atordoado e todos desceram do carro para ver o que havia acontecido. Para sua surpresa me reconheceu, pois eu havia colidido justamente com aquele vizinho que cumprimentara minutos antes. Do momento em que nos cumprimentamos até a colisão passaram uns 8 a 10 minutos no máximo.

Não vi nada e não me lembro da cena do acidente. Caí a alguns metros da moto e o sangue jorrava para todos os lados. Uma amiga que vira meu acidente teve que tomar calmante para dormir à noite. Aquele senhor ficou tão desesperado que não conseguia nem sair do lugar. Outra pessoa que passou no momento parou seu fusca, me colocou dentro do carro e me levou ao hospital. O sangue jorrou pelo seu carro sem dó nem piedade.

Algumas pessoas se lembraram quem eu era e correram para avisar minha família. Quando chegaram à calçada, minha irmã estava brincando com umas amigas. Falaram para ela chamar minha mãe e ela correu pra dentro gritando: “Mãe, a Jane bateu de moto”. Meu pai também estava em casa e foi um total desespero.

Todos entraram no carro e foram procurar onde havia sido a batida. Ao passarem pelo local após o acidente, eles acharam que eu havia morrido. Minha mãe perguntava para as pessoas que ficaram no local o que havia acontecido. Eles diziam aos meus pais que eu estava bem e que havia ido para o hospital. “Mas como está bem, com esse monte de sangue?”. Ela estava transtornada. Para eles eu havia morrido. Meu pai chegou a conversar com o vizinho que era o condutor. Ali mesmo meu pai soube que ele não quis me socorrer para não sujar seu carro de sangue. Ele ficou arrasado. Quando saíram com o carro, os pneus passaram por cima do meu sangue e Gisele me disse que escutou aquele barulho contra os pneus. Imagino os três naquele carro. Quando chegaram ao hospital eu já estava na sala de cirurgia. Ficaram ali na sala de espera por horas até que o médico lhes desse uma posição. Foram momentos de angústia, silêncio, dor e pesar. Faziam suas orações em silêncio pedindo para que Deus me salvasse.

Quanto a mim, assim que o moço do fusca me colocou em seu carro, cheguei ao hospital em estado de choque. Colocaram-me na maca e correram para dentro do pronto-socorro. Rapidamente me deitaram em um tanque de inox para lavar minha perna e me levaram ao centro cirúrgico. Já foram providenciando as bolsas de sangue, pois perdi quase todo meu sangue e rapidamente fizeram uma transfusão para garantir minha vida. Aquela noite foi de desespero para meu pai e minha mãe. Ambos se acusavam naquele corredor, embora acredite que minha mãe acusasse mais meu pai, por ter me dado a moto. O médico falou para eles rezarem muito por mim, pois ele não garantia minha vida. Ao passar o risco de morte, ele avisou que eu poderia perder a perna. Ela estava cortada, toda retalhada.

Anestesiada, eu não via nada e nem ouvia, pelo menos, conscientemente. A cirurgia durou quatro horas e consistiu em

fazer muitos reparos. Dr. C (não vou citar seu nome verdadeiro) fez um excelente trabalho. Cortou os músculos destruídos, retirou os pedaços de pele que estavam caídos. Pegou a "batata da perna" como costumamos falar, e esticou para cima, dando três grandes pontos. Depois, começou a costurar a parte de cima do pé e o calcanhar. Mas meu pé estava tão inchado que quase não conseguiu terminar o trabalho. Percebeu que havia um trincado no osso da "canela", mas era insignificante e que cicatrizaria sozinho. Pronto, aquela primeira fase estava terminada e fiquei esperando em uma sala a anestesia terminar. Foi somente depois que me levaram para o único quarto que havia disponível: a suíte. Por três dias eu fiquei na suíte e depois fui transferida para um quarto (meu pai custeou todo o tratamento, o que significou vender o carro para pagar a dívida).

Aos poucos, meus olhos foram se abrindo e vi o rosto de minha mãe ao pé da cama. Perguntei: "Mãe, o que aconteceu?". Ela respondeu: "Você bateu de moto, não parou numa esquina e machucou sua perna". Um sentimento de aceitação tomou conta de mim. Eu havia errado e não poderia mudar isso. No outro dia pela manhã, vi aquele médico vestido de branco ao meu lado na cama. "Olá. Eu sou o Dr. C e preciso te dizer o que aconteceu contigo. Você cortou muito sua perna e perdeu o movimento que levanta o pé. Ficaré com problemas para o resto de sua vida. Mas isso é uma outra coisa, porque agora precisamos fazer curativos todos os dias e ver como as coisas vão caminhar". Secamente me disse até mais e saiu pela porta. Parecia um homem bem ríspido. Mas ao longo do tempo mostrou sua competência e agradeço a ele tudo que fez por mim.

Não foi fácil ficar deitada ali naquela cama por quinze dias, principalmente porque eu não parava quieta e tinha uma agitação constante, desde criança. Aquilo realmente testava

minha paciência e ficava muito chata com todos. Eu estava entrando na adolescência e as reclamações eram constantes.

Todos os dias eu saía do quarto e ia para o pronto socorro fazer os curativos na perna. Não era nada fácil, pois tinha que aguentar firme aquela gaze sendo raspada em meu osso, na minha pele machucada, aquele cheiro de remédio e aquela sala gelada. Um dia resolvi olhar para ver como estavam as coisas. Do mesmo jeito que levantei eu abaixei rápido. Vi meu osso à mostra e aquela cor de cereja em toda a extensão da perna. Ai, que coisa horrível! Nunca mais quis olhar. Por vários dias o quarto cheirava a carne podre porque minha perna estava se deteriorando e as infecções eram constantes.

Quantas visitas eu recebi! Fui destaque na cidade e muitos amigos e parentes vieram me visitar. Certa noite, implorei para minha mãe não deixar mais ninguém entrar para me ver, pois eu estava cansada daquilo e me sentia totalmente sem energia. Eu repetia sempre a mesma coisa para cada visita que recebia. Era muito desgastante.

## O RETORNO PARA CASA APÓS O ACIDENTE

Após quinze dias, tive alta e fui para casa. Era muito estranho estar em casa de novo. Não havia muita conversa entre a gente e eu me dava melhor com meu pai. Tia Ignês voltou para sua casa e minha mãe foi tomar conta da casa de novo. Muitos desafios para essa mulher de fibra que enfrentou a perspectiva da morte de uma filha de perto.

Eu e Gisele não tínhamos muito contato. Nossa relação era distante e não falava muito com ela. Quando criança até

brincávamos, mas, depois que entrei na adolescência, passei a ignorá-la. Vivíamos em nossos mundos isolados e cada um tocando sua vida. No dia seguinte ao acidente, a Gi (esse é seu apelido) ficou na casa de uma amiga. Mas o que fazer nos próximos dias? A solução que encontraram foi levá-la para casa da irmã de minha mãe, Tia Ignês e Tio Chiquinho, para cuidarem dela. Com seus 10 anos e longe da família, imagino que não foi nada fácil para ela. Até que ela pediu para nosso pai ir buscá-la, preferia ficar sozinha em Umuarama, mas perto da família. De manhã ela ia para a escola e ficava sozinha em casa, esperando meu pai chegar do hospital para cuidar dela.

Quando cheguei em casa, fiquei num quarto que tinha banheiro. Não havia televisão (só tínhamos uma televisão na sala, preto e branco). Ficava ali deitada sozinha, sem ter muito que fazer. A ordem médica era ficar deitada todo o tempo, sem pisar no chão. Já saí do hospital com a notícia que em alguns dias eu voltaria para fazer um enxerto de pele. Não gostei nada disso, me dava um frio na barriga só de pensar em passar tudo de novo e enfrentar o hospital novamente. Por uns sessenta dias tinha que ir ao hospital, dia sim, dia não, para fazer a troca do curativo. Para poder andar com independência, passei a usar muletas e já podia me locomover um pouco mais. Quando saíamos para o curativo, eu e meu pai ficávamos dentro do carro aguardando nossa vez. Ali eu já comecei a perguntei para meu pai sobre como funciona a troca de marcha do carro.

Num daqueles dias, minha mãe e minha irmã resolveram entrar no pronto socorro para verem como estava minha perna. Dr. C perguntou para as duas: “Vocês têm certeza de que querem ver? Minha irmã foi logo dizendo: “Eu sou forte, eu aguento”. Quando eles retiraram a faixa e deixaram à mostra aquele pedaço de carne vermelha, a perna da Gi bambeou e ela quase caiu. Deu

uma disfarçada e se escorou no pilar. Quase desmaiou. Minha mãe ficou ali, em pé, firme e olhando o que sobrou de minha perna. Foi a primeira vez que ela viu o estrago e provavelmente orou mais ainda pela minha vida.

Passados aqueles primeiros dias mais críticos da internação para superar as infecções, eu estava com um buraco extenso na perna que não iria cicatrizar sozinho. É impressionante imaginarmos tirar pele de um lugar e colocar em outro. Então o Dr. C perguntou: “Vocês querem que tiremos a pele das nádegas ou da coxa?” Decidi que não queria da coxa, pois não iria ficar com mais uma cicatriz à mostra.

## A COLOCAÇÃO DO ENXERTO NA PERNA

Chegou então o grande dia. Entrei naquela sala gelada em julho de 1981. Puxa, eu tremia muito e sentia muito frio. Aos poucos, a anestesia ráqui foi fazendo efeito e fui adormecendo. Porém, ouvi tudo o que eles falavam. Ali, deitada de costas e seminua, Dr. C foi retirando a pele com uma lâmina. Lá pelas tantas eu o ouvi dizer: “Essa porcaria não está cortando nada”. Mas, mesmo sem corte ele foi tirando pedaços pequenos e colocando num recipiente com um líquido. Somente depois que retirou quantidade suficiente de pele virou-me de barriga pra cima. Desenrolou a faixa e fez a desinfecção na extensão da “canela” machucada.

Com muito cuidado foi costurando os pedaços, um por um, com uma agulha e linha para pontos cirúrgicos. Depois colocou gaze por cima, enfaixou tudo novamente e colocou uma tala de gesso. Somente depois de passar a anestesia fui para o quarto. O pior ainda estava por vir.

Conforme foi passando a anestesia, a dor foi crescendo. Chegou num ponto que eu não suportava a ardência, latência e repuxões. Sei que ali com a minha mãe eu comecei a chorar e dizer: “Por que fui andar de moto? Como me arrependo!”. Só restava a ela me consolar e pedir para me acalmar. Passei por isso por vários dias até que a dor foi desaparecendo.

Dr. C disse: “Rezem para que esse enxerto pegue e que não haja rejeição”. Só abríamos a perna dez dias depois, mas eu tinha que ir ao hospital para fazer os curativos das nádegas. Lá íamos nós, eu e meu pai, para aqueles momentos torturantes. Eu deitava na maca de barriga para baixo e o enfermeiro ia cortando a gaze, pedaço por pedaço, a cada cicatrização que ocorria na pele. Não podia puxar com força, pois deixaria a pele com enormes vergões. Foi um período de muita paciência para todos nós. Até que, depois de uns trinta dias, estava tudo cicatrizado.

Dez dias após a cirurgia, chegou o grande momento de conferir se o enxerto de pele havia dado certo ou não. Naquele dia saímos de casa com a ansiedade a mil. Desci do carro e sentei na cadeira de rodas.

Ficamos ali, por alguns minutos até que vieram me buscar. Tiraram-me da cadeira e me colocaram na maca. “Vamos ver como está essa perna” – falou Dr. C. Cada vez que ele dava uma volta na faixa, meu coração quase pulava pela boca. Retirada a faixa, chegou o momento de retirar as gazes. Uma a uma, com todo cuidado, ele ia expondo um mapa todo recortado. “Nossa, ficou perfeito e deu tudo certo” – disse ele. Nossa, respiramos aliviados e fiquei ali olhando uma pele ainda meio escura, mas com o passar dos dias a pele foi ficando clara até parecer com uma queimadura.

## A COLOCAÇÃO DA ÓRTESE PARA SEGURAR O PÉ

Em agosto de 1981 eu já estava liberada das idas ao hospital. O pé ficou caído mesmo, porque eu cortei dez cm do nervo que levanta o pé. Após esse período, eu caminhava até a escola, pois não era muito longe. Mas, para a construtora do meu pai, meu local de trabalho, eu ainda não tinha tido coragem de voltar. Ainda recebia auxílio-acidente e aguardava meu retorno total para receber alta. Escolher um sapato ou uma sandália foi meu maior desafio. Além disso, eu não conseguia fazer longas caminhadas e dependia de um automóvel para andar longas distâncias.

Quando voltei à escola me senti meio esquisita e culpada pelos acontecimentos. Os colegas me cumprimentaram de maneira reservada. Com o passar dos dias, fomos nos entrosando novamente e as amizades foram se fortalecendo. Parece que voltei até mais estudiosa e com mais vontade de produzir. Eu me sentava na cadeira da frente e participava ativamente de tudo. Acho que o acidente me fez amadurecer mais rápido ainda. Seria meu último ano naquela escola, a três quadras de minha casa, e no ano seguinte, 1982, eu teria que escolher o que fazer da vida no segundo grau: científico-propedêutico ou magistério. Eu queria magistério, mas ficava muito longe para ir a pé. Meu pai teria que me levar mesmo todos os dias. Acabei optando pelo científico num colégio estadual que não ficava tão longe. Aquela escolha mudaria muito minha vida. Mas vou contar isso somente depois.

Nos anos oitenta, numa cidade do interior do Paraná, nem se falava em pessoa com deficiência ou deficiente. A única associação que existia em minha cidade era a APAE. Portanto, na minha nova condição de uma pessoa que mancava para andar (isso aconteceu da noite para o dia) eu nem imaginava que isso

era ser deficiente. Somente anos depois pude compreender a extensão dessa palavra.

Em fevereiro de 1982 nos falaram de um médico em Botucatu-SP que poderia “grampear” o meu pé. Resolvemos então arriscar e marcamos a consulta. Tratava-se de dois médicos (pai e filho) que eram ortopedistas. Estávamos confiantes e me lembro que saímos de viagem meus pais, eu e meus irmãos. Carlos estava em casa de férias e somente em sua vinda é que havia visto o estrago da minha perna.

Depois de alguns meses, não costumávamos falar sobre meu acidente. Minha família não tinha o hábito de falar de sentimentos e dores. Ficávamos em silêncio fazendo de conta que nada havia acontecido. Ali, no carro, nós cinco (Carlos com 17 anos, eu com 13 e Gisele com 11 anos) ora o silêncio, ora músicas. Lembro-me de estarmos na Rodovia Castelo Branco, olhando aqueles bambus na beira da estrada e vendo um andarilho aqui, outro ali (aliás, até hoje os vejo transitar nessa rodovia) e ouvindo músicas do grupo Abba. Pela janela do carro eu ficava pensando o que iria acontecer comigo.

Quando os médicos fizeram a proposta de prender o meu pé não gostamos muito da ideia, pois ele iria atrofiar e perder o movimento. Foi nessa consulta que me falaram para consultar um neurocirurgião que atendia na cidade de Campinas, para avaliar como estavam os nervos no pé. Minha Tia Verônica morava lá.

Quando chegamos na casa da minha tia fomos recepcionados pelos meus tios e primos. Havia muitas crianças (seus filhos e outras crianças de quem ela cuidava). As perguntas sobre meu acidente só vieram depois, quando coloquei shorts. Aí não tem jeito mesmo, ficava à mostra minhas cicatrizes e as perguntas eram inevitáveis: o que aconteceu? Por que você fez isso? Eu procurava agir como se não tivesse acontecido nada. Eu

desconversava e agia como uma adolescente “normal”. Minhas respostas se limitavam ao básico e não entrava em detalhes para explicar por que eu já andava de moto aos 13 anos de idade.

No outro dia fomos à consulta. Entrei numa sala com meus pais e me deitei na maca. Ele olhou o pé, comentou sobre o tamanho do estrago e começou a colocar uns fios com adesivo. Então ele ligou o computador e explicou como seria feito o exame: onde houvesse funcionamento do nervo haveria movimentação no visor, onde não houvesse surgiria uma linha contínua. Infelizmente, exatamente onde o farol bateu, abaixo do joelho, não havia sinal nenhum. Em cima do pé também não havia vibração e nem nas pontas dos dedos. Após a realização do exame, ele foi categórico: “Não há nada que fazer”. Saímos da sala de exame e sentamos em seu consultório. Ali recebemos a notícia que não poderia ser feita nenhuma cirurgia e nem recuperar o movimento de levantar o pé, porque não existia ligação entre meu cérebro e o meu pé.

Olhei para ele e me conformei com isso, eu já sabia que meu caso não tinha solução. Foi então que ele retirou um slide e colocou no projetor (naquela época só existia slide). Então nos mostrou um aparelho que ele chamava de goteira e me explicou que aquele aparelho iria segurar meu pé em 90 graus. Para fazê-lo eu teria que ir na AACD de São Paulo. Isso fizemos somente alguns meses depois. Nos despedimos e saímos pelo corredor. Tudo que meus pais queriam era diminuir meu sofrimento e ver sua filha andando com mais facilidade.

Voltamos para casa com a promessa de fazermos esse aparelho. Mas eu teria que esperar mais alguns meses para que isso acontecesse. Chegava a hora de eu enfrentar o novo colégio e novas pessoas. Decidi estudar à noite. Meu pai me levava para cima e para baixo. Já não precisava mais ir ao médico e agora

seria momento de conviver com a deficiência. Como seria isso?

Antes de sofrer o acidente, quando estava na 6ª. série, eu ia para a escola carregando um livro da 8ª. série comigo, sobre todos os outros, todos os dias, só para ter status. Eu queria ser vista pelas pessoas com prestígio e um aluno da 8ª. série tinha muito prestígio. Portanto, quando concluí o 1º. e fui cursar o 2º. grau foi um prazer enorme entrar naquela sala do primeiro ano. Cruzei o portão com muita satisfação. Eu nunca tinha reprovado nenhum ano e só tinha estudado em escolas públicas.

Com passos lentos fui procurando a minha sala de aula. Era a última no fim do corredor. Aquele colégio era enorme e tomava a quadra inteira. Logo que entrei na sala, procurei o primeiro lugar, próximo à mesa da professora. Como seria estudar à noite? Como me tratariam? Brevemente eu faria essa descoberta.

Os primeiros dias foram de observação e algumas conversas aqui e acolá. Eu estava com 14 anos e meio, 1,74m de altura e 65 quilos. Magra, alta e “manquitola” (meu marido hoje me chama assim), eu tinha que enfrentar os desafios da vida. Com os passar dos meses fiz amizade com uma menina que também tinha problema na perna, pois havia caído do trator quando criança e sua perna havia sido esmagada. Ela também mancava um pouco para andar. Por isso, nos tornamos grandes amigas.

Por alguns meses tudo transcorria bem. Às 8:30 da manhã meu pai me levava para trabalhar com ele na construtora. Me buscava para almoçar e regressávamos às 14:00. Somente 17:30 eu ia embora com ele para me preparar para a aula. Enquanto trabalhava, eu estudava. Gostava bastante de estudar e me tornei mais aplicada após o acidente. As horas passavam rapidamente e logo era hora de ir para o colégio. Meu pai me levava e buscava todos os dias, pois eu tinha dificuldade para caminhar.

Quando meu pai conseguiu dinheiro para irmos para

São Paulo, telefonamos para a AACD, marcando a consulta para o mês de junho de 1982. Pela primeira vez tínhamos uma televisão colorida e compramos para assistir à copa do mundo de 82. Puxa, era só emoção! Fui à padaria e comprei umas bolachas para a viagem que faríamos de ônibus. Como morávamos em Umuarama-Pr a distância seria de uns 800 km, 12 horas de viagem. Falávamos um pouco, dormíamos outro tanto até que avistei aqueles prédios enormes e com pouca poluição ainda, afinal era início dos anos 80.

Descemos em Osasco e fomos para a casa de meus tios Mauro e Marilda. Passamos lá para meu pai ver sua mãe, Etelvina, que morava com meus tios. Ela estava com amnésia e meu pai queria vê-la. Ficamos lá um dia e seguimos de ônibus para a AACD, no Ibirapuera.

Andar de ônibus em São Paulo foi uma aventura única, muito importante para mim. Aquele ônibus cheio de gente e nós ali carregando malas. Avisamos ao cobrador que queríamos descer na AACD. Olhei ao redor e vi muitos carros pela rua. Entramos pelo portão e fomos até o setor de atendimento. Dissemos que queríamos fazer uma goteira e que pagaríamos particular. Ficamos ali por algumas horas esperando nossa vez, até que fui chamada à uma sala. Não me lembro nem das feições nem do nome do técnico. Ele me mostrou um modelo da goteira e disse que teriam que engessar minha perna, retirar o gesso e colocar num forno para preparar o polipropileno. O pior de tudo para mim foi quando ele se preparou para cortar o gesso. O corte tinha que ser feito bem em cima da minha cicatriz, em cima do osso. Puxa, parecia que ele ia cortar minha perna com aquela tesoura! Feito isso, nos dispensou para voltarmos em um mês, quando a goteira já estaria pronta. Tive que voltar mais uma vez para provar e levá-la embora comigo.

Após um mês, regressamos novamente para São Paulo. Outra jornada até lá. Cheguei à recepção e sentamos ali. Havia crianças com diversas deficiências e isso me causava certo mal-estar. Era estranho estar ali. Ouvi meu nome e entramos numa sala para experimentar a goteira. A primeira sensação foi de estranheza. “Ande um pouco e veja se está machucando em algum lugar”, disse o técnico. Foi o que fiz. Levantei-me e comecei a andar e senti dores no tornozelo. Com uma tinta cor roxa, ele marcou o lugar e levou para a oficina. Aqueceu o material de plástico polipropileno e voltou para me ver. Coloquei novamente e parecia que tudo estava perfeito. “Tá tudo bem?” – perguntou ele. Eu respondi que sim e que agora deveria aprender a andar novamente sem levantar o pé. Depois de um ano eu iria sentir algo maravilhoso. Foi muito bom caminhar pela calçada, subir do ônibus sem precisar mancar. Quando chegamos à rodoviária de São Paulo, a antiga estação da Luz, precisei atravessar correndo uma avenida para chegar à rodoviária e senti algo fabuloso. Parecia estar andando nas nuvens, numa leveza impressionante. Ali percebi que algo diferente ia acontecer em minha vida e pude compreender a extensão da palavra “superação”. A decisão de usar a goteira mudou a minha vida e eu passei a me sentir mais motivada para viver e para seguir a minha juventude.

Percebi também que se usasse tênis eu teria ainda mais segurança, pois seguraria meu pé com mais firmeza. Eu não tinha muita orientação nesse sentido e acabei usando tênis por dez anos seguidos. Não importava onde eu estivesse ou qual roupa vestia, lá estava eu de tênis. Certa vez fui a uma formatura em um clube de Umuarama-Pr quando fui barrada na entrada. Não era permitido entrar de tênis. Depois de muita explicação sobre a minha necessidade, eles permitiram a minha entrada e me diverti muito. Nunca me importei muito com os olhares alheios.

Eu me sentia bem comigo mesma e isso é que era importante. Foi somente no ano de minha formatura, 1991, que resolvi me arriscar usando um sapato de cadarço. Puxa, foi muito legal poder utilizar outra coisa sem ser tênis. Após essa data eu procurava sapatos baixos de cadarços ou sandálias com presilhas para prender bem a goteira ao pé. Até hoje não é muito fácil conseguir achar calçados, mas uma empresa em especial mudou a minha vida: a OPANANKEN. Dá para imaginar que às vezes para a pessoa com deficiência encontrar um calçado se torna uma jornada difícil? Foi dessa maneira que cursei o 1º. grau, sempre calçando tênis. Minha atitude era de aceitação e superação.

## AS NOVAS AMIZADES

Quando estava na 7ª. série, com 12 anos, um ano antes do acidente, meu pai havia construído uma casa que pertencia ao dono de uma loja de móveis. Eu ia com meu pai lá e comprávamos produtos nessa loja. Havia lá uma vendedora chamada Júlia e acabávamos sempre conversando, éramos apenas conhecidas. Nesse mesmo período eu estudava com a Elza e comecei a frequentar sua casa e em sua rua moravam muitos adolescentes. Vira e mexe eu estava lá com eles. Fiz muitas amizades e esse foi um momento de novos horizontes.

Encontrávamos sempre naquela rua e um dia me deparei com a Júlia, a vendedora da loja. “Você por aqui?” Perguntou ela. Depois eu soube que era amiga da família de um amigo em comum e que já havia sido namorada dele. Essa amizade que se iniciou no ano de 1980 perdura até hoje. Encontramo-nos sempre e tenho o maior carinho por Júlia, seu marido Gilson e seus filhos

Gabriela e Guilherme.

Constantemente fazíamos festas dançantes na casa de um ou de outro. Eu nunca havia dançado na vida e ficava observando minhas amigas dançarem. O maior sucesso era da dança lenta, juntinho e coladinho com o menino. Só de pensar em fazer isso eu ficava morrendo de medo. Só me sobrava uma opção: ficar treinando em casa para não passar vergonha lá. Até que chegou o grande dia e dancei com um dos meninos (nem me lembro com quem foi). Eu gostei demais de foi muito boa aquela experiência. Mesmo depois do acidente eu retornei às pistas de dança e me diverti muito nos anos seguintes.

Mas com o tempo um foi se mudando de endereço, depois o outro e aquela aventura foi deixando de acontecer. E no ano de 1981 já não frequentava mais aquela rua e nem via mais aqueles adolescentes que marcaram tanto a minha vida.

Foi somente após meu acidente que tive meu primeiro namorado e ficamos juntos por 2 anos. Enfrentaria um novo desafio quando terminei esse namoro: minha adolescência havia passado e eu entrava na vida adulta. Aí eu me dei conta de que não tinha amizades ou projetos pessoais. E agora o que fazer? Olhei para um lado, olhei para outro lado e quem vi? De repente vi minha irmã Gisele, entrando em sua adolescência e eu havia perdido muita coisa, porque me isolei em meu namoro. Ela tinha um grupo de amigos e eu comecei a entrar em seu mundo. Não sei se ela gostou muito disso não (acho que não), mas comecei a sair com ela e fazer amizades com seus amigos. Não demorou muito e eu já tinha muitos amigos e saímos para festas, cinemas e visitas nas casas de amigos e amigas. Foi uma experiência nova para mim e eu estava gostando dessa experiência (dançar juntinho, novos namoros, risos etc). Eu já dirigia carro e também havíamos comprado aquelas mobyletes antigas. Tínhamos autonomia e não andávamos a pé.

## AS LEMBRANÇAS DA IRMÃ CAÇULA

“A diferença de idade entre eu e minha irmã Jane (4 anos) e sua precocidade não nos possibilitou vivenciar uma infância na qual poderíamos compartilhar brincadeiras e amigos. Mas sabemos como a relação de irmãs se fortalece com o passar do tempo e como as transformações em nossas vidas nos levam a caminhos diferentes, mas sempre na direção do que é mais importante: o amor. Neste momento, é isso que pretendo relatar... uma história de amor fraternal. Lembranças de uma alma infantil que pôde perceber com o tempo que Deus nos ama e nos conduz para o que é melhor, mesmo que não entendamos seus propósitos nos momentos difíceis.

Muito cedo a Jane já trabalhava com meu pai e a vida com responsabilidades lhe proporcionou certas regalias como comprar suas próprias maquiagens e suas bijuterias, assim como ter a oportunidade de aprender a pilotar motos e, inclusive, andar pela cidade mesmo sendo menor de idade. Sem capacete, sem habilitação... Mas como já sabemos, a desobediência, seja ela aos princípios de vida, a regras morais ou legislação da sociedade, traz consequências à vida de qualquer pessoa. Não foi diferente com a Jane.

Era um final de tarde, eu estava na calçada da casa de uma vizinha, umas três casas depois da nossa, do outro lado da rua, brincando de pular corda com outras crianças, quando olhei para baixo e vi três pessoas subindo do outro lado rua correndo. Ainda me lembro da respiração ofegante e seus olhares angustiados, como se buscassem desesperadamente respostas para algum tipo de problema. Paramos de pular corda e ficamos observando a cena, quando uma das pessoas apontou para o nosso grupo

parado na calçada. Atravessaram a rua, dirigiram-se a mim e quando olhei para cima para ver seus rostos, já me questionaram se eu era irmã da Jane e eu respondi que sim, balançando a cabeça. Ainda muito tensos, perguntaram-me se meus pais estavam em casa. Como já era final de tarde e início da noite, meu pai já havia chegado do trabalho e ambos estavam dentro de casa. Quando respondi que os dois estavam, saíram correndo em direção a minha casa, sem me dizer nada. A única coisa que pensei era que havia algo errado e corri atrás deles para entender toda aquela cena. A Jane havia se acidentado de moto, em uma esquina próxima de casa.

A próxima lembrança que tenho já acontece dentro do carro da família. Eu, meu pai e minha mãe descendo a rua de casa, procurando o local do acidente. Ao cruzar a primeira esquina, vimos que à esquerda havia uma multidão e, logicamente, era o local do acidente. Meu pai manobrou o carro rapidamente e entrou na rua onde aconteceu o fato. Mesmo em uma velocidade constante do carro ao percorrer as duas quadras, a cena me parecia acontecer em câmera lenta. De longe já era possível ver o sangue escorrer de um lado da rua para a guia do outro lado, devido ao declive do asfalto. Os carros passavam por cima do sangue, fazendo as marcas dos pneus na rua e era possível ouvir o som da borracha com o sangue conforme o carro se deslocava para frente.

Não lembro se meu pai já chorava no volante, mas minha mãe chorava (pela primeira vez vi isso acontecer), ainda dentro do carro e no banco da frente, ela perguntava para as pessoas pela janela do carro: “Cadê minha filha? Onde minha filha está?”. Alguns dos curiosos na calçada se aproximavam da porta e repetiam a ela que só havia machucado a perna e estava bem. Mas ao ver todo aquele sangue, não dava para acreditar.

Ao chegar ao hospital, ficamos em uma sala de espera,

sem saber das notícias reais. Depois de muito tempo ou pouco (na infância não temos noção de horas e de tempo passado), meus pais foram para casa para tomar algumas providências, sendo uma delas achar um lugar para me deixar e dar atenção total à Jane. Fui levada à casa de uma família de uma colega da escola, acho que passei poucos dias lá, não me lembro direito, só me recordo que tinha que comer alimentos totalmente diferentes do que estava acostumada.

Outra providência foi trazer minha tia que morava em Maringá para cuidar de mim e da casa, enquanto meu pai voltava a trabalhar e minha mãe permanecia no hospital durante o internamento. Vou dizer que não foi fácil. Vi minha vida ficar de cabeça para baixo, afinal eu só tinha que estudar e brincar o dia todo. E passei a ter que cumprir certas tarefas dentro de casa. Lógico que uma criança acostumada a não ajudar a mãe preferia outro contexto. E rapidinho pedi a meu pai que ficássemos só nós dois, que não seria necessário outra pessoa para nos ajudar. Isso significava não ter que “trabalhar” em casa e ainda comer em restaurantes na hora do almoço. Na época isso era bom demais!

Nas férias tive que ficar fora da cidade, na casa daquela tia, pois a Jane passava por muitas cirurgias. Meus pais estavam exaustos, mas firmes e esperançosos. Foi um período difícil, tive que ficar longe de casa, dos meus pais, dos amigos, das minhas coisas, enfim da minha vida. Não sabíamos o que seria da vida da Jane. Naquela época não tínhamos acesso a informações e a falta de conhecimento sobre o assunto nos dificultou muito saber como planejar antecipadamente nossas ações e lidar com os problemas diários que surgiam.

A situação em que a perna da Jane ficou era assustadora. É difícil acreditar como o médico conseguiu preservar o segmento, pois antes dos ferimentos cicatrizarem a aparência

da “carne” exposta era chocante. Só um milagre pode explicar tudo que aconteceu na vida da Jane e, conseqüentemente, na vida da minha família. Só o amor de Deus pode nos dar o entendimento sobre tudo que iria acontecer na vida de outras pessoas em decorrência daquele acidente. Um acidente tornou-se uma possibilidade de transformação, do próprio íntimo e de outros corações que precisavam e precisam de uma nova forma de ver a vida, precisam de uma nova maneira de viver.

Grandes mudanças em nossa vida são decorrentes de circunstâncias que muitas vezes não entendemos. A Jane compreendeu, não o “por que” aconteceu tudo isso com ela, mas o “para quê” o acidente lhe serviu na vida: para ajudar a pessoas a superar suas dificuldades e aceitar as novas oportunidades que surgem, independente de serem pequenas ou grandes possibilidades”.

## A CIRURGIA PARA ENDIREITAR O PÉ

Não demorou muito e eu tive que enfrentar minha última cirurgia. No início de 1985, fui com meu pai para a cidade de Marília-SP. Um dia alguém comentou sobre esse médico, Hilário Maldonado, que atendia nessa cidade. Marcamos a consulta e fomos até lá. Só não nos avisaram que teríamos de esperar o dia inteiro, pois havia tanta gente para ser atendida que ficamos ali aguardando o dia inteiro. Foi somente às 16:00 que escutei meu nome. Entrei no consultório, nos apresentamos e me lembro de levar uma bronca, pois usava uma meia apertada que deixou marcas em meu tornozelo.

– Você não deve usar essa meia, pois ela prende a

circulação do sangue. Caminhe, por favor.

Fiquei muito sem graça. Então, fiquei andando de um lado para outro e enquanto isso ele pensava.

– Agora, precisamos fazer um RX. Você vai nesse endereço e faça um RX. Depois volte aqui para eu analisar

Cheguei ao local do RX e tirei radiografias do pé em diferentes posições. Foi somente depois de umas duas horas que eu voltei à clínica. Quando chegamos, o movimento havia diminuído e logo fomos chamados. Dr. Hilário olhou, analisou, pensou e disse:

– Bem, já sei o que vamos fazer. Vou transferir seu nervo para o outro lado do pé para forçá-lo para fora. Dessa maneira ele ficará mais reto e evitando que entorte mais ainda. Vamos marcar a cirurgia e te avisamos.

Passou um mês, dois e nada de ligarem. Até que decidimos ligar e disseram ao meu pai que já devíamos ter telefonado antes e que a cirurgia seria realizada em dois meses. Os meses se passaram e ficou decidido que minha mãe iria comigo para Marília e acompanharia minha cirurgia. Seria a primeira cirurgia que eu enfrentaria após a última feita para o enxerto em 1981. Além disso, eu tinha muitas amigas e não queria me ausentar naquele momento. A minha vida estava muito divertida. Mas não teve jeito, não. A cirurgia foi marcada e fomos de ônibus para Marília-SP e da rodoviária pegamos um táxi para a Santa Casa. Quando cheguei ao hospital, meu coração parecia que ia sair pela boca. Por ser bastante fechada, praticamente não falei nada com minha mãe sobre minha ansiedade. Como a cirurgia seria particular, paga pelo meu pai, que teve que trabalhar muito para custear essas despesas, nos colocaram em um quarto particular. Esperamos toda a manhã enquanto eu ficava de jejum. Foi somente após 13:00 que vieram me buscar e me levaram para a

sala de cirurgia. Dei um beijo em minha mãe e saí do quarto.

– Você está pronta, Jane? Nós aqui já estamos prontos para fazermos o melhor para você. – disse Dr. Hilário.

Foram três horas de cirurgia e eu senti um frio terrível. Tremia muito e passavam mil coisas pela minha cabeça. Com 17 anos seria minha terceira cirurgia. Quando tudo terminou, colocaram-me numa outra sala para esperar passar a anestesia. Enquanto isso, minha mãe ficou no quarto esperando e orando por mim. Imagino sua angústia porque eu estava demorando muito para voltar. Até que eu apareci e me colocaram na cama.

– Nossa, como demorou para você voltar! Eu já estava muito preocupada – mencionou minha mãe.

Saí daquela cirurgia com uma tala de gesso e imobilizada. Seria dessa forma que eu voltaria para casa. Eu não podia imaginar que isso seria um teste de paciência para mim.

Quando somos jovens tudo parece mais fácil. Não tive nenhum problema com a anestesia e não senti nenhum mal-estar. Após dois dias eu teria alta e voltaria para casa com o gesso. Ficaria assim por três meses. Só que naquela ocasião meu pai estava sem carro e estava construindo um sobrado para vender. Como não conseguiu nenhum carro e começou a ficar preocupado, acabou vendendo a construção e pegou um Del Rey da Ford. Naquela época eu não tinha nem ideia das dificuldades que eles passavam. Mas meus pais faziam de tudo para nos ver com saúde e felizes. E lá fomos nós de volta para Umuarama. Eu estava ansiosa para chegar logo e reencontrar meus amigos. No início de 1985, eu havia iniciado o curso de contabilidade, mas desisti da faculdade. Quando operei já não estava mais estudando.

Por vários meses eu andei de muletas pra todo canto até que o gesso foi se desintegrando. Quando voltamos para a consulta, ouvi do médico: "Não é que deu certo mesmo!" Puxa,

ele nem tinha certeza do que estava fazendo. “Por que você não usa um sapato ortopédico, ao invés da órtese?” – perguntou ele. Acabei fazendo o tal sapato preto que tinha uma barra de aço na lateral. Nossa, aquilo era feio demais, mas eu usava e nem ligava para os olhares alheios. Até que um dia enjoei e voltei pra minha órtese e meu tênis.

Nesse mesmo ano, eu a Gisele conhecemos duas irmãs que foram muito especiais, a Lena e a Nete. Por muitos anos saímos juntas, ficávamos uma na casa da outra, emprestavamos roupas, dançávamos, paquerávamos e curtíamos muito a vida. Foi um período muito especial e de uma amizade que dura até hoje. Elas eram nossas melhores amigas e até hoje nos encontramos, especialmente com a Lena que está casada com o Emerson e tem dois filhos lindos, o Mateus e o Murilo. Eles moram em Curitiba e sempre nos encontramos e nos falamos por telefone. Já a Nete eu nunca mais vi, pois mora no Japão.

## MORAR EM OUTRA CIDADE PARA FAZER FACULDADE

Como tudo na vida, chega-se a hora de darmos passos importantes. Então, eu decidi, no início de 1987, fazer a faculdade de Serviço Social na cidade de Lins-SP. Prestei vestibular, montei casa com outras meninas da sala, mas não suportei a distância de casa. Fiquei lá somente uns dois meses e decidi transferir minha faculdade para a Universidade Estadual de Londrina. Havia 92 vagas para transferências externas e eu fui a única a pedir a transferência em julho de 1987.

Deixei a casa de meus pais mais uma vez e eles me trouxeram para Londrina. Havíamos reservado um pensionato de

uma japonesa. Nossa, que sensação horrível quando me deixaram naquele quarto sombrio. Eu chorei muito e pedi para ligar para meu pai.

– Pai, eu não vou aguentar ficar aqui. Só que ele foi firme e respondeu:

– Você vai sim. Vá dormir que amanhã você vai estar bem melhor. Realmente foi o que aconteceu.

No outro dia eu acordei com o rosto inchado, porque eu havia chorado muito. No quarto em que eu estava havia outra moça, com um nome muito diferente. Quando abri os olhos, lhei bom dia, me vesti e fui ao banheiro, que ficava do lado de fora do quarto, lavei meu rosto e desci as escadas para tomar café. Sentei-me numa mesa comprida e olhei ao redor e vi vários japoneses. “Bom dia”, – disse a todos. O café era muito simples, mas suficiente para me alimentar. Eu tinha 19 anos e enfrentava uma cidade com mais de 400.000 habitantes. Voltei ao quarto, peguei minha bolsa e desci as escadas que davam para a rua. Como seria minha vida dali para frente? Como seria ser assistente social? Andei dois quarteirões e parei num ponto de ônibus, cheio de estudantes. A porta se abriu e entrei naquele frenesi de estudantes. Cheguei à universidade estadual vinte minutos após nossa saída. A universidade fica retirada do centro da cidade e numa área verde. Havia muitos prédios e um distante do outro. Passei por vários prédios até encontrar a minha sala na área de ciências humanas.

Assim que entrei na sala, cumprimentei as outras moças (só havia mulheres) e sentei na primeira carteira, próxima à janela. Puxei conversa com uma aluna que aparentava ter mais de 30 anos. Ela tinha os olhos azuis como o céu e se chamava Maria Helena. Próxima a mim também havia outra aluna, mais jovem que se chamava Karen. Logo, com o passar dos meses essas duas

alunas se tornariam minhas grandes amigas e moravam perto do pensionato onde eu residia. Comecei a frequentar suas casas, me davam carona e estávamos sempre juntas estudando. A única coisa que eu ainda não conseguia fazer era ficar aos finais de semana em Londrina. Eu simplesmente não conseguia e toda sexta-feira eu pegava um ônibus e ia para a casa de meus pais em Umuarama. Minhas amigas estavam lá e meus relacionamentos afetivos também. Quando cansei de viajar de ônibus, comecei a ir para a rodovia pedir carona, com outra amiga que era da minha cidade.

De segunda a sexta eu fazia faculdade e estudava muito. Aos sábados e domingos eu passeava, dançava e namorava. Enfim, era só lazer. A minha sequela na perna não me impedia de fazer nada e não senti problema nenhum. O único inconveniente era o uso do tênis, meu companheiro fiel de dia e de noite. Quando fui estudar fora, meu pai contratou outra secretária para me substituir, pois eu seria assistente social e não voltaria mais a trabalhar com ele.

Nos primeiros dois anos de faculdade eu morei em dois pensionatos, mas quando chegou a hora de minha irmã Gisele fazer faculdade ela também viria para Londrina e aí achamos melhor montarmos uma república. E um dia, conversando sobre o assunto com amigas da sala, Rita Cecília disse:

– Eu preciso mudar de casa. E eu fiquei pensando nesse assunto.

Não sei de quem partir a ideia, se minha ou dela, mas sei que decidimos montar uma república. Encontramos um apartamento no centro da cidade com três quartos grandes. Cecília ficou num quarto com Edilaine (uma estudante de engenharia), eu e a Gisele ficamos num quarto e convidamos uma moça que estudava com Gi para ocupar o outro quarto, nossa grande amiga Tarline.

Um tempo depois, Tarline dividiu o quarto com a Sabrina, estudante de engenharia também. Ter um lugar, ter pessoas e móveis é somente uma parte do problema. Nosso maior desafio foi a convivência. Pessoas muito diferentes, ocupando o mesmo espaço e dividindo suas ideias e emoções. Em casa cada uma levava sua vida, mas na faculdade logo as coisas começariam a ficar ruins, principalmente entre mim e a Cecília, justamente da minha sala de aula. Quando conviver se tornou insustentável nós três (eu, Gi e Tarline) alugamos um apartamento menor.

Nos próximos dois anos, eu e Cecília mal nos falávamos. Foi somente depois, quando eu estava morando em São Paulo, que voltamos a sermos amigas. Passei a visitar sua casa e até hoje trocamos e-mails. Todo aquele mal estar ficou pra trás. Tivemos filhos, marido e exercemos nossa profissão como assistentes sociais. Tudo na vida passa e se transforma em algo novo. Ainda bem que para melhor.

## MORAR EM SÃO PAULO PARA CONQUISTAR O PRIMEIRO EMPREGO APÓS A FACULDADE

Assim passaram-se quatro anos da faculdade e em julho de 1991 tudo estava concluído. Mas o que fazer agora? Para onde ir? Fazia alguns meses que meu irmão Carlos vinha me convidando para morar com ele em São Paulo, na maior favela da metrópole: Heliópolis. Foi o que fiz. Fui pra lá com a última bolsa da pesquisa científica e moramos na casa de uma amiga dele. Por um tempo deu tudo certo, mas achamos melhor termos nosso canto. Foi então que experimentei algo totalmente diferente: morar num barraco na favela. O Carlos construiu pra nós com

folhas de zinco de um circo. Fiquei um tempo, depois fui morar com uma pessoa. Mas em 1994 eu voltei para a favela e fiquei morando lá até fevereiro de 1996.

Sabem quando fui pensar na minha deficiência? Em 1994. Eu trabalhava como assistente social em um plano de saúde no bairro da Lapa e tínhamos duas horas de almoço. Quando precisava ir ao banco para receber pagamento havia uma fila enorme. De repente meus olhos viram uma placa que dizia: atendimento preferencial para deficientes. Eu entrei naquela fila e fiquei levantando minha calça para as pessoas verem meu aparelho. Eu não me senti muito à vontade fazendo isso, pois os olhares me fulminaram.

Certa vez, um caixa me perguntou por que eu estava naquela fila. Expliquei com muita calma e saí numa boa dessa situação constrangedora. Parecia uma humilhação, mas com o passar dos anos passei a ver isso como um direito e não como uma esmola. A minha atitude e meus pensamentos mudaram em relação a isso e faço questão de ir para a fila no banco, no supermercado, na loja, enfim, em qualquer lugar.

Minha condição física nunca me impediu de ter relacionamentos. Andando pelas ruas de São Paulo eu sempre me deparava com relacionamentos rápidos e repentinos. E quando me fixava não se tratava de uma união com objetivos comuns. Meu lema era: aceite-me como eu sou. Mas um dia tudo isso mudou. Os anos se passaram e o vazio interior ainda persistia. Eu questionava o mundo, criticava tudo, mas não estava realizada e nem aliviada. Danças, bebidas e trabalho não me satisfaziam. O que fazer? Foi nos grupos anônimos que encontrei uma pequena porta aberta: a porta da fé no poder superior. Algo que eu havia perdido fazia muito tempo. Foi ali, naquelas horas semanais, que eu ouvi histórias de dependências emocionais e também falei da

minha dependência. Foi então que percebi que o vazio que eu sentia por tantos anos poderia ser preenchido por Deus. E aos poucos fui vivendo um novo mundo mais distante das noitadas e dos relacionamentos fúteis. Por nove meses eu me aprofundei no relacionamento comigo mesma e experimentei o poder da oração e do tratamento emocional e espiritual. Nesse processo, eu fiquei mais forte e tomei uma decisão que mudaria totalmente minha vida: voltar para Londrina e morar com minha família.

## VOLTANDO PARA O CONVÍVIO DA FAMÍLIA

Quando peguei aquele telefone para ligar para minha mãe, meu coração estava acelerado:

– Mãe, eu estou pensando em voltar. O que você acha? – perguntei a ela.

– Você pode voltar a hora que quiser – disse minha mãe.

As portas da casa de meus pais estavam abertas e avisei meu irmão Carlos da minha decisão. Ele olhou para mim e disse:

– Eu também vou. Na hora eu olhei espantada e falei que tudo bem.

Lembro-me claramente daquele dia em que colocamos tudo no carro e me despedi dos vizinhos do barraco, na favela de Heliópolis (Cida e família, Carmelita) e tantas outras amizades que conquistei em São Paulo. O Chevette branco estava lotado com nossos pertences e fomos para Ibiúna, na casa de minha terapeuta, Diamantina. Jamais vou esquecer dela que foi instrumento de mudança. Depois seguimos para a casa da Fátima e do Deda em Sorocaba-SP. Conversamos muito naquela noite com esse casal maravilhoso. Acordamos no outro dia com um sol

lindo e seguimos viagem para Londrina. Algumas horas depois chegamos ao nosso destino final. Como seria essa nova vida?

Abracei meus pais e minha irmã e fiquei pensando como seria essa reconstrução, já que meu temperamento não era nada fácil. Mas havia a semente da mudança que foi plantada e agora teria que germinar. Continuei frequentando grupos anônimos em Londrina e fui convidada pela minha irmã para ir num culto de jovens da igreja que ela frequentava, Igreja Missionária Comunidade Shalom. Quando fui ao primeiro culto, achei aquilo meio estranho, mas aos poucos fui me acostumando e aceitando Jesus em meu coração.

O que eu faria desempregada? Surgiu uma primeira oportunidade para um teste seletivo na universidade estadual da cidade. Por quatro anos eu ministrei aulas no curso de Serviço Social e em 2000 tornei-me assistente social num órgão público da cidade. Passei a atender mulheres que vivem em situação de violência. Não foi um trabalho fácil, mas aprendi muito como assistente social nesse tipo de atendimento.

Em fevereiro de 1999 eu tive a felicidade de ser tia pela primeira vez. Gisele estava grávida de uma menina que se chamaria Ana Vitória. Foi um grande presente segurá-la pela primeira vez, escutá-la falar “tia Jane”, vê-la andar e brincar. Por muitas vezes saíamos somente nós duas para passearmos e eu me sentia muito bem ao seu lado. Hoje Ana Vitória está com doze anos e sempre que podemos curtimos nossa relação. Foi a primeira criança da minha vida. Somente depois, em 2001, eu experimentaria o poder de algo mais imponente ainda: a maternidade. Mas vou falar sobre isso depois.

Em julho de 2005, uma nova criança surge em minha vida, Ana Clara. Seu nome faz jus ao seu físico. Olhos claros, pele clara, cabelos claros, uma graça de menina que está hoje com

seis anos de idade. Quando Clarinha nasceu eu já não morava mais com minha mãe e a via algumas vezes na semana. Sempre que posso também procuro estar com ela e curtir aqueles olhos clarinhos. A família cresceu após o ano de 1999.

Depois de tanto tempo sem estudar, eu tinha que dar mais um passo importante. Decidi fazer mestrado e me inscrevi na Universidade Estadual de Maringá. Tudo deu tão certo que a primeira pessoa que vi no Departamento de Educação foi Terezinha Oliveira. Consegui passar na prova escrita, na entrevista e ela se tornou minha orientadora. Havia somente uma bolsa de estudo e fui premiada com ela (um dos critérios foi a nota na seleção), consegui concluir o mestrado em dois anos e aprendi o poder da história, uma vez que estudei sobre a influência feminina na França do século XIX. Foi muito bom ter a professora Terezinha como orientadora e seu jeito exigente fez muita diferença em minha vida. Em 2000 eu concluía o mestrado em Fundamentos da Educação.

## O ENCONTRO DO GRANDE AMOR DA MINHA VIDA: VIDAS QUE SE CRUZAM

Depois de minha conversão eu comecei a me sentir diferente. Eu queria encontrar um amor e ter a minha família. Isso tudo aconteceu depois que reencontrei minha fé em Deus. Comecei então uma jornada difícil que exigiria muita paciência. Somente encontramos o verdadeiro amor após muita lapidação. É como encontrar um diamante muito valioso. Por três longos anos eu orei, jejeuei e esperei por esse grande amor, enquanto fazia meu mestrado. Até que um dia isso aconteceu, em fevereiro de 1999.

Eu havia saído da igreja que frequentava, e estava com um grupo de amigos. Quando de repente olhei ao lado e vi um rapaz que estava sentado numa mesa e que conversava com um amigo meu. Flávio saía muito pouco de casa, mas naquele dia um amigo de Campinas o estava visitando. Foi por isso que foi até aquela sorveteria. Logo notei que havia acontecido algo muito ruim com ele. Ele não tinha os dois braços e estava com o coto enfaixado. Só podia ser um acidente. Muito curiosa, não tive dúvidas. Levantei-me da minha mesa e fui até lá. Já cheguei me apresentando e perguntando o que havia acontecido e ele explicou que havia sofrido um choque elétrico de 13.800 volts há aproximadamente um ano. Eu fiquei chocada e muito comovida com sua história e claro já fui logo convidando-o para ir para minha igreja. Trocamos nossos telefones e quinze dias depois marcamos um encontro: comer pizza. Eu já sabia que teria que servir-lo na pizzaria, mas não via nenhum problema nisso. Aliás, eu não imaginava que ele se tornaria o grande amor da minha vida. Foi assim que conheci esse homem maravilhoso, o Flávio Peralta.

Nascemos perfeitos e por um período de nossas vidas podemos nos classificar como seres humanos “normais”, física e psicologicamente. Mas, eu aos 13 anos e Flávio aos 29 anos deixamos isso para trás e nos tornamos pessoas com deficiência. O mais bonito disso tudo é que não deixamos a vida passar ou ficamos lastimando nossa dor: demos a volta por cima e somos uma família feliz.

Depois desse primeiro encontro outros vieram e fomos nos tornando amigos. Um dia, assistindo a um filme no cinema, algo aconteceu e trocamos nosso primeiro beijo. Eu senti algo diferente e um sentimento de amor foi se apossando de mim.

Namoramos, noivamos e casamos em setembro de 2001.

Foi um grande desafio nossa união. Eu sabia que minhas mãos seriam emprestadas para ele. Seria eu que serviria sua comida, daria seu banho, trocava sua roupa, enfim, faria tudo para ele. No início foi muito difícil. Eu tinha três empregos (dava aula em duas faculdades e era assistente social na Prefeitura) e Flávio era aposentado com um salário mínimo.

Em novembro de 2002 meu útero estava doente e eu teria que tomar uma decisão ainda mais desafiadora: tornar-me mãe. Em 4 de agosto de 2003 nascia Vinicius Assunção Franco Peralta, nos tornamos então OS PERALTA. Quando chegamos em casa com aquele bebê que dependeria de nós, na verdade eu percebi que mais uma pessoa dependeria de mim. Parecia que tudo estava indo bem quando aos quatro meses eu comecei a sentir dores nos punhos. Aquilo foi crescendo e acabei imobilizada sem conseguir nem mesmo me dar banho, quem dera cuidar do Flávio e do bebê. Foram momentos muito difíceis, pois sempre fui muito independente e autônoma. Mas, após dez meses de muita fisioterapia e remédios eu consegui me curar.

A fisioterapia passou a fazer parte da minha vida na gestação em 2002. Até aquele ano eu nunca havia sentido nada em meu corpo, nenhuma dor sequer. Iniciei a fisioterapia para preparar minha coluna e pernas para os meses de maior peso, mesmo assim, engordei somente sete quilos durante a gravidez. Eu pensava que após o parto eu estaria livre dessa necessidade, mas me enganei. Com a tendinite eu tive que retornar e até hoje continuo fazendo sessões. Muitas fisioterapeutas me atenderam: Lana, Ariana, Gisele, Ligian Pelegrino.

Fiz sessões de alongamento, fortalecimento, hidroterapia e ultimamente faço realinhamento muscular com a fisioterapeuta Claudiane e fortalecimento com fisioterapeuta Camila. Também faço sessões com um osteopata Carlos (quiropata) para tratar os

problemas do meu esqueleto. Enfim, um acidente pode mudar muito nosso corpo e sentir dor passa a ser algo inevitável. Não é melhor agirmos sempre com prudência e cautela, principalmente no trânsito, ao invés de enfrentarmos sofrimentos terríveis?

## ALGO CURIOSO NOS UNE: UM ANIVERSÁRIO EM 1988

Voltem comigo no tempo. Estamos no ano de 1988, eu tenho 20 anos e estou cursando a faculdade de Serviço Social em Londrina. Um convite de aniversário é entregue na casa de meus pais. Os amigos de minha irmã, José Maria (Zezinho) e Maria José (Zezé), vão comemorar o aniversário de seu filho de um ano, Júnior. Ambos são muito jovens e Zezé engravidou com 17 anos. A data da festa é marcada para o dia 5 de Junho de 1988, na cidade de Cruzeiro de Oeste, próxima à minha cidade. Eu já não moro mais em Umuarama, mas como estarei passeando naquele final de semana, pretendo comparecer à festa. Todos de minha casa são convidados, pois minha mãe também conhece a Zezé e a mãe dela, Vicentina Assunção.

Chego de viagem na sexta-feira e faz muito frio em Umuarama. No sábado nos preparamos para ir ao aniversário e no carro estamos eu, meu irmão Carlos, minha mãe Antonieta e meu pai José Pedro. Logo na entrada da garagem da casa tem umas folhagens com um cartaz dizendo: Arraiá dos Zés.

Logo que chegamos cumprimentamos alguns convidados e minha mãe pega Júnior no colo e lhe dá beijos. Naquele momento ficam brincando com ele para tirar uma foto.

Depois ficamos por ali, conversando com um e com outro, até o momento do esperado parabéns. Eu estou vestida de

preto, minha cor preferida. Nossos cortes de cabelo são repicados e estamos seguindo a moda do Chitãozinho e Xororó. Há muitos convidados que nunca vi e nem sei quem são. Tanto é que nem presto atenção nessas pessoas, pois não são nenhuma referência para mim.

Zezé havia convidado seus parentes de outras cidades e a casa está cheia de gente. As horas passam, há muita música, algumas pessoas dançam e há muita comida. Logo ouvimos que chegou a hora de cantar parabéns para Júnior. Minha família e eu ficamos na varanda olhando as pessoas ao redor da mesa e curtimos o momento.

Agora já é noite e o frio está mais intenso. Nos despedimos de Zezé, sua mãe Vicentina e Zezinho e fomos embora após comermos muitos cachorros-quentes, doces e bolo. Essa história terminaria aqui se os caminhos de muitas pessoas que estão nessa festa não se cruzassem novamente e de uma maneira muito inesperada.

O ano é de 1996 e eu tenho 29 anos. Já não tenho nem mais recordações dessa festa, a não ser algumas vagas lembranças. Estou de volta residindo em Londrina e minha família não mora mais em Umuarama. Nesse momento resido numa rua com nome de uma serra e há somente três quarteirões. Dedico meu tempo a dar aulas e a frequentar a igreja evangélica. No momento não tenho namorado e estou num processo de revisão da minha vida. Muitas famílias moram naquela rua, mas vejo e cumprimento mais os moradores que são nossos vizinhos.

Estamos no ano de 1999 e eu tenho 31 anos. Saio da igreja e encontro um rapaz que havia sofrido um choque elétrico de 13.800 volts. Por causa disso ele perdeu os dois braços e se aposentou por invalidez aos 29 anos em agosto de 1997. Agora está com 30 anos. Nos conhecemos e ele se tornou o grande amor

da minha vida. Mas, o que esses três momentos têm em comum? Muita coisa. Ele estava na festa de aniversário que mencionei antes, pois a Zezé era sua prima e a Vicentina Assunção sua tia. Não somente ele estava lá, mas seus pais Julieta e Rafael, sua irmã Fátima, o cunhado Rui e seu filho Cirilo também estavam na festa. Também havia um senhor idoso que era avô de Flávio, pai da Vicentina e de Julieta, o Sr. Geraldo. Eles eram os parentes de outra cidade que haviam sido convidados.

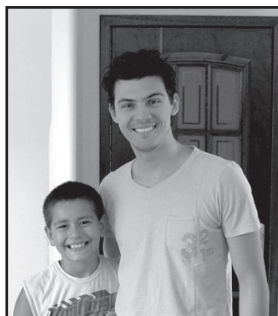
Em 1988 eu estava ao lado de meus futuros sogros e de minha cunhada e nem tinha noção desse fato. Tão próximos, mas tão distantes pelo desconhecimento.

Quando cito o ano de 1996 é porque morávamos na mesma rua e nunca havíamos nos visto. Algumas casas nos separavam, mas não estávamos prontos para esse encontro. Ainda teria que se passar mais três anos para isso acontecer: o encontro na sorveteria. O que aprendi com tudo isso? Que embora tenhamos seguido caminhos diferentes por onze anos, estávamos predestinados um para o outro. E foi seu acidente que nos uniu e a vontade de Deus, tenho certeza disso. Hoje meu filho é primo do aniversariante Júnior e dorme na cama que havia sido do Sr. Geraldo, hoje seu bisavô (falecido há alguns anos) e que nos cruzamos em algum momento naquela festa. As famílias Assunção e Peralta estão gravadas em minha vida e por isso ganhei esse sobrenome. Foi um maravilhoso presente.

E foi assim que nos cruzamos anos antes e nunca nos encontramos. Mas Deus sabe tudo de nossos caminhos e ainda não estávamos preparados para nossa união nem em 1988, nem em 1996. Algo teria que acontecer ainda com esse jovem: quase morrer e nascer de novo. Quando acordamos de manhã acreditamos que nada vai nos acontecer ao longo do dia. Levantamos da cama, nos vestimos, tomamos o café, saímos pelo

portão de entrada e tudo que esperamos é retornar ao final do dia, vivos e inteiros, após um dia de trabalho. Foi exatamente isso que esperava Flávio Peralta, mas isso não aconteceu. Por quê? Vou contar agora para vocês.

### UM ANIVERSÁRIO E VÁRIOS ENCONTROS



## Considerações Finais

Com o passar dos anos, minha memória foi apagando meu atropelamento. Continuei vivendo minha vida com as partes do corpo que ficaram e minha perna machucada levou-me para todos os cantos desse país. Foi somente após o convite da primeira palestra é que passei a resgatar da memória aquele dia que modificou a minha vida, por decisão somente minha. E isso, de certa forma, também aconteceu com o Flávio. Ele perdeu os braços, mas não perdeu a vida.

Quando parei para pensar sobre meu acidente, percebi que fiz muitas coisas erradas. No auge dos meus 13 anos havia um excesso de confiança que me levou a decidir não parar naquele cruzamento. Quantas vezes a confiança nos trai. Eu acreditava que era madura o suficiente para pilotar aquela moto aos 13 anos. Será que estamos realmente prontos para assumirmos um volante ou um guidão?

E quanto às leis de trânsito, quantos de nós, e inclusive eu naquele dia, obedece às regras no trânsito? Eu não entendia direito desse fluxo do trânsito e não tinha noção do que era uma preferencial. Não obedeci às regras e quase morri. Além disso, nos anos 80 nem se falava em equipamentos de segurança, como capacete, botas, luvas. Andávamos pelas ruas de Umarama e por muitas cidades do país sem capacete. Como o estrago maior foi na minha perna, eu não bati a cabeça. Entretanto, hoje entendo que os equipamentos de proteção são de extrema necessidade, tanto numa moto como num carro.

E quando analisamos as estatísticas nos assustamos ainda mais. No Brasil, ao ano, acontecem 8.000 amputações em decorrência de acidentes de trabalho. Em 2010, 701.496 acidentes de

trabalho foram registrados oficialmente na Previdência Social (acidentes ocorridos na empresa e no trajeto). Os acidentes de trajeto representaram 13,5% desse índice: 94.789 acidentes entre residência-empresa-residência. O que significa isso? Muitos acidentes estão ocorrendo quando o trabalhador se desloca para o trabalho e retorna do mesmo. Isso significa um aumento de 173,2% nos acidentes de trajeto entre 1996 e 2010 (Revista Proteção, n.º.241, p. 24, 2012).

As estatísticas revelam que a os acidentes ocorrem, na maioria, com trabalhadores que utilizam moto para trabalhar.

Com preços atrativos e acessíveis, a moto se tornou o veículo mais utilizado na última década. Na mesma proporção, aumentaram também os acidentes envolvendo motos. O que vemos quando saímos às ruas são pilotos jovens se arriscando em meio aos carros, cuja venda também aumentou muito. O espaço geográfico permaneceu o mesmo, mas o número de veículos que circulam cresceu numa proporção muito maior. Soma-se ao aumento dos veículos outros elementos como imprudência, uso de bebidas e drogas, pressa, excesso de velocidade, não habilitação e pouca experiência, os quais fazem desse jogo algo muito perigoso.

Dos 94.789 acidentes de trajeto em 2010, registrou-se 1.191 trabalhadores mortos nesses acidentes. Aqueles que não morreram ficaram submetidos a tratamentos longos e sofridos, o que acarretou a utilização do auxílio-acidente por um tempo mais prolongado. Qual o impacto de um acidente grave na vida de uma pessoa? Todos os aspectos são afetados: psicológico, emocional, físico, saúde, capacidade de ser independente, ociosidade. Enfim, uma série de fatores passa a fazer parte da vida de um acidentado.

Suas cicatrizes receberão olhares alheios a todo momento, pode sentir depressão, não ser produtivo por um determinado período ou tornar-se inválido para sempre, dependente de uma outra pessoa e incapaz de fazer as atividades mais rotineiras. Seus

sentimentos podem ser de confusão, tristeza e apatia diante de uma realidade muito dura: perder partes do corpo, perder partes do movimento do corpo ou não movimentar-se mais. A paixão pela moto tornou-se um grande ponto de interrogação. O que fazer da vida?

Enquanto o indivíduo sente esse dilema, a Previdência Social tem questionado essa equação que não está equilibrada, pois os “casos de invalidez permanente entre trabalhadores vítimas de acidentes de trânsito se multiplicaram por quase cinco entre 2005 e 2010, passando de 31 mil para 152 mil por ano” (Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1035216-disparamcasos-de-invalidez-por-acidentes-no-transito.shtml>.) Gastou-se R\$ 8,6 bilhões com benefícios gerados por acidentes de trânsito.

A cifra representa 3,1% de todas as despesas previdenciárias.

Qual o impacto disso no futuro? Jovens trabalhadores, entre 18 e 44 anos, estão se tornando inválidos ou indo a óbito e afetando seriamente o equilíbrio entre mão de obra ativa e mão de obra desativada. A previdência social dará conta de pagar tantos benefícios nos próximos anos a pessoas tão jovens? E quanto ao pagamento da aposentadoria para os trabalhadores com mais idade, ele será realizado de maneira esperada? Só o futuro terá essas respostas.

Outra situação ainda mais agravante: aumentou em 16 vezes o número de mortes com mulheres utilizando moto entre os anos de 1996 e 2010. Mulheres morrendo mais que homens? Se 25% da venda de motos são para mulheres, elas entraram numa estatística muito perigosa e se arriscaram num ambiente muito hostil e de alto risco. Qual o impacto dessas mortes na vida das famílias, principalmente se a mulher for casada e mãe? Dá para se imaginar o preço que isso significa: lares sem a sua peça principal.

Bem, quanto ao Flávio, sua imprudência custou um alto preço: sua independência. Diversos fatores contribuíram para seu aci-

dente: problemas na comunicação, inexistência de treinamento, cansaço, pressa e uso inadequado dos equipamentos de proteção individual. Quanto a você que está agora lendo essas linhas finais, o que pode fazer para garantir sua segurança em seu local de trabalho, em sua residência e no trânsito?

Que as experiências d'Os Peralta e de tantos outros acidentados desse país façam diferença na sua vida e na vida de tantos outros que cruzam o portão de suas casas, esperando regressar ao final do dia. Lembre-se, sempre haverá alguém a sua espera após um dia de trabalho.

Foi então que percebi o grande valor da minha vida. Cada ato, cada atitude, cada comportamento vão dizer se valorizo ou não minha vida. E atualmente sei o que isso significa e só posso dizer: obrigada Deus por continuar a minha existência.

